

DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS DE INTER-RELAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA E BIBLIOGRÁFICA DA COLEÇÃO DO PROFESSOR FREDERICO EDELWEISS NO ESPAÇO LUGARES DE MEMÓRIA DO SIBI/UFBA

MARIA ALICE SANTOS RIBEIRO*
HILDENISE FERREIRA NOVO**
IVANA APARECIDA BORGES LINS***

INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI), com seu arcabouço epistemológico, permite delinear diretrizes que viabilizam a inter-relação entre Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, facilitando o trânsito dessa ciência em variadas trilhas de conhecimento, fundamentais para a proposição de organização e representação da informação e do conhecimento referentes aos acervos bibliográficos e arquivísticos, incluindo também, em certas condições, o museológico.

Essa inter-relação entre as citadas áreas de conhecimento nos possibilita compreender a configuração cultural, institucional, física e/ou simbólica dos lugares de memória, pela perspectiva na qual identificamos no patrimônio documental bibliográfico, arquivístico e museológico os substratos para a formação de uma história, de uma identidade e de uma memória, sejam elas institucionais, pessoais ou coletivas¹. Logo, os «lugares de memória» não surgem de forma espontânea: é preciso criá-los. Com base nessa perspectiva, a existência desses espaços físicos e simbólicos precisa ter significados, representar, revelar e ressignificar memórias traduzidas em narrativas ou em silêncios, conferindo sentido a todo tipo de objeto, que compõe o seu patrimônio material e imaterial.

* Instituto de Ciência da Informação/Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4037-7289>; Email: maliceribeiro@gmail.com.

** Instituto de Ciência da Informação/Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0986-7164>; Email: hnovo@ufba.br.

*** Instituto de Ciência da Informação/Universidade Federal da Bahia (ICI/UFBA); ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0422-4135>; Email: ivana.lins@gmail.com.

¹ Para Pierre Nora (1993), os lugares de memória são lugares materiais, funcionais, simbólicos e lugares de rituais que expressam identidade e memória social.

Fundamentado em aporte teórico e prático, este estudo se propõe a fazer uma reflexão sobre a contribuição que a inter-relação das áreas de conhecimento mencionadas viabiliza para a organização e representação da informação nos aspectos arquivísticos, bibliográficos e museológicos, tendo como campo de experimentação o acervo do professor Frederico G. Edelweiss, custodiado no espaço informacional Lugares de Memória da Universidade Federal da Bahia (UFBA)², inaugurado em 2015, cujo patrimônio está composto por: bibliotecas particulares; coleções das antigas bibliotecas da Universidade da Bahia; arquivos institucionais; arquivos pessoais; depósito legal da UFBA; artefatos museológicos, etc. Para tanto, utiliza-se da pesquisa qualitativa e descritiva para compor a base da metodologia, uma vez que a pesquisa qualitativa retrata um mundo da experiência vivida que

implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades, sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente [...] em termos de quantidade, intensidade ou frequência (Denzin e Lincoln 2006, p. 23).

À vista disso, buscam-se também na pesquisa bibliográfica argumentos para construir alguns pressupostos de inter-relação entre bibliotecas particulares, arquivos pessoais e artefatos museológicos, pois

Existe [...] um vínculo entre os fenômenos arquivísticos, biblioteconômicos, museológicos, informacionais, e a vida social e cultural, o quadro de valores de uma época e de um contexto, as ações humanas no mundo [...]. Assim, arquivos, bibliotecas, museus e informações expressam determinados modos de viver, de pensar e de existir de uma sociedade [...] e adquirem existência — a partir de determinadas dinâmicas que lhes são próprias (Araújo 2014, p. 166).

Quanto aos resultados, tem-se como finalidade apresentar o resgate da gênese e a composição da arquitetura tanto arquivística quanto bibliográfica do acervo do professor Frederico Edelweiss, o que nos permitiu conhecer a formação das coleções de arquivos, de biblioteca e de artefatos museológicos. Além disso, a pesquisa instigou-nos a compreender a motivação do bibliófilo, aspecto importante no que se refere a determinar os contornos simbólicos da identidade, da memória e da história do colecionador.

² Acervos cuja gestão documental é do Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI) da UFBA.

1. A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO NO PROCESSO DA INTERLOCUÇÃO ENTRE BIBLIOTECONOMIA, ARQUIVOLOGIA E MUSEOLOGIA

A CI estuda a informação em todos seus aspectos, desde a sua gênese até o processo de transformação de dados em conhecimento. Esse processo se realiza pela coleta, análise, classificação, representação, organização, armazenamento, disseminação, circulação, recuperação, mediação da informação, entre outros. No referente ao contexto do surgimento da CI:

Sua origem se deu com a documentação, no final do século XIX e início do século XX, dentro de uma perspectiva universalista de ciência. “Transformada” em ciência da informação no final da Segunda Guerra Mundial, inseriu-se na lógica da guerra fria, de uma perspectiva científica militarista e tecnicista, num momento em que se fortaleciam os questionamentos aos princípios positivistas da ciência moderna (Araújo 2014, p. 164).

Por conseguinte, pode-se inferir que o contexto político, social e científico no século XX, pós-guerra, possibilitou para a CI um formato especializado, tendo como suporte tecnológico a Ciência da Computação e como insumos de pesquisa o arcabouço teórico-metodológico e epistemológico de outras áreas já muito antes instituídas, como Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia.

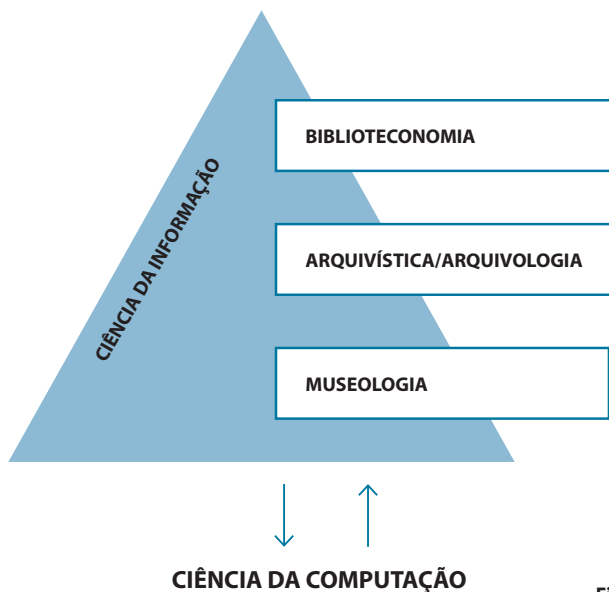


Fig. 1. Interlocação da Ciência da Informação
Fonte: Elaborado pela autora

Relacionadas à informação e ao surgimento dos suportes para a escrita do conhecimento humano, as práticas arquivísticas, biblioteconômicas e museológicas são históricas, demonstrando semelhanças nas suas origens. No período do Renascimento, porém, com a publicação dos primeiros tratados e manuais, as ciências dos acervos apresentam algumas particularidades distintivas, que priorizavam a conservação e preservação dos acervos, além de estabelecer técnicas e procedimentos diferenciados para organização, representação e recuperação de documentos em arquivos, bibliotecas e museus.

Ao se referir à atuação dessas áreas do conhecimento no século XX, Araújo afirma que, «diversas teorias foram formuladas buscando incorporar outras dimensões de análise, sobretudo explorando as relações entre arquivos, bibliotecas e museus, e os contextos em que eles se inserem» (Araújo 2014, p. 6).

Entretanto, na contemporaneidade, pode-se afirmar que, já com uma identidade consolidada, as três áreas retornam cada uma a pensar nos processos e nas técnicas de tratamento (descrição, inventário, classificação, indexação, conservação, acesso) dos acervos de maneira similar, mantendo-se, contudo, independentes em suas teorias e assumindo-se como ciência social e humana, cuja condição evidencia a interlocução entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Naturalmente, esse diálogo de construção do saber com áreas do conhecimento situadas no mesmo campo científico trata de um processo que decorre por volta de 1920, quando a «documentação foi cada vez mais aceita como um termo geral para abranger bibliografia, serviços de informação acadêmica, gerenciamento de registros e trabalho de arquivo» (Buckland 1997, p. 804).

Historicamente, essa interlocução se desenvolveu com base nos conceitos de documento e informação. Contudo, é imprescindível levar em consideração que as três áreas apresentam diferenças de significado teórico e prático, no que se refere a estes conceitos — documento e informação. Na Biblioteconomia, o conceito de documento, por exemplo, foi fruto da relação com a Documentação, disciplina que surge por iniciativa dos belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine. E nessa disciplina, o conceito de «documento» incorporava outros tipos de suportes informacionais, além do livro. Por suas ideias e visão inovadora, Otlet é comumente identificado como o precursor da CI (Araújo 2011).

Na mesma linha de proposição, Michael Buckland complementa e amplia tais discussões ao afirmar que, após 1950, terminologias como «ciência da informação», «armazenamento e recuperação de informação» e «gestão da informação», substituem cada vez mais a palavra «documentação» (Buckland 1997, p. 805). Quanto ao significado de «documento», é explícita a relação entre a ideia de documento nos fazeres da biblioteca e do arquivo. O conceito de «documento» também aproxima Biblioteconomia e Arquivologia no propósito das atividades de tratamento, custódia e salvaguarda documental, no entanto há certo distanciamento quanto aos tipos de documentos com que cada área atua em bibliotecas e arquivos, respectivamente.

Para problematizar esses aspectos relacionados ao documento, Bellotto (2006) destaca o enfoque de que os documentos de biblioteca são resultados de pesquisas que objetivavam a divulgação técnica, científica e filosófica em formato de livros, artigos, revistas e outros. Além disso, na Biblioteconomia o documento está mais vinculado à ideia de processo, organização, disseminação, mediação de informação, e para o acesso e uso do documento.

Na Arquivologia, o documento tem origem orgânica e caráter sistêmico, pessoal, institucional, jurídico ou administrativo. De acordo com Schellenberg (2006), a informação orgânica produzida por indivíduos e instituições é materializada por meio dos registros (documentos) gerados durante a execução das atividades administrativas, assim como autoriza a execução das funções gerenciais. Por isso Paes declara que o documento de arquivo é:

Aquele que, produzido e/ou recebido por uma instituição pública ou privada, no exercício de suas atividades, constitua elemento de prova ou informação;
2) Aquele produzido e/ou recebido por pessoa física no decurso de sua existência
(Paes 2006, p. 26).

Na mesma diretiva de pensamento, Camargo indica ser preciso levar sempre em consideração que arquivo «não se trata, pois, de uma coleção de documentos feita a partir de critérios seletivos e finalidades variáveis, como ocorre em bibliotecas e museus» (Camargo 2010, p. 22).

Na concepção tradicionalista, provavelmente a Museologia trabalha com colecionismo de objetos apreciados pela sua natureza, seu valor material e simbólico. Entretanto, tem-se sobressaído na atualidade a noção do objeto museológico identificado e valorizado como documento, no mesmo nível de validade dos livros e dos arquivos custodiados em museu. Essa perspectiva introduz potencialidades sobre o que é um objeto museológico e amplia a sua concepção como fonte de informação. Vale destacar que os museus também colecionam documentos que foram retirados de seu contexto por diversas razões e acabam sendo considerados como peças isoladas, recebendo tratamento individualizado (Marques 2010).

Assim, a diferença do documento nas três áreas reside na origem e finalidade. Na Biblioteconomia, possui forte intenção para a disseminação e difusão. Na Arquivologia, o documento tem finalidade mais comprobatória, histórica e preservacionista. Porém, vale destacar que a Biblioteconomia também se preocupa com a preservação; e a Arquivologia, com a difusão. A Museologia, mais focada no artefato, desenvolve práticas de cunho cultural e artístico, direcionada nas ideias de mediação e política cultural. Contudo, percebe-se que Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia possuem aspectos similares que estão ligados à organização do conhecimento, preservação da memória, produção, disseminação, mediação, acesso e uso da informação e do conhecimento. Para complementar e

consolidar essa perspectiva de interlocução, faz-se imprescindível evidenciar entre as três áreas o protagonismo do fazer e do realizar, sobre o qual Briet propõe:

Os documentalistas devem poder selecionar, compreender, traduzir, interpretar, utilizar, no sentido intelectual da palavra, os documentos que estejam a seu cargo, de acordo com a especialidade da instituição que os emprega (Briet 2016, p. 29).

Ao expandir esse pensamento no que se refere ao papel social e cultural dessas instituições, ressalta-se o quão importantes são os estudos sobre o fenômeno da informação nos aspectos das práticas sociais e públicas, das realidades políticas, da economia e da cultura. Levando-se em consideração esses aspectos, arquivos, bibliotecas e museus expressam modos de viver, pensar e existir de uma sociedade, assim como são estruturados a partir de determinadas condutas que lhes são próprias.

Ancorando-se nessa reflexão sobre o tema e suas tendências, vale acrescentar que a interlocução entre biblioteca, arquivo e museu está efetivamente representada na similaridade dos processos de tratamento documental e bibliográfico, na conformidade dos procedimentos técnicos de conservação preventiva e nas práticas de difusão e acesso à informação nesses ambientes informacionais. Por conseguinte, o caráter compartilhado de conceitos, atitudes, valores e também enunciados científicos já identifica a CI como um modelo teórico que tem em seu lastro epistemológico um conjunto de práticas históricas e sociais de construção do conhecimento.

Arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus têm co-responsabilidade no processo de recuperação da informação, em benefício da divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como do testemunho jurídico e histórico (Bellotto 2002, p. 35).

Esta corresponsabilidade, desse modo, ratifica as relações entre as atividades profissionais, assim como ressalta a significância do compartilhamento de terminologias, conceitos e do reconhecimento de competências comuns entre bibliotecários, arquivistas e museólogos, o que igualmente demonstra a relevância da interação para ampliar resultados e benefícios em conjunto.

2. DISPOSITIVOS METODOLÓGICOS DE INTER-RELAÇÃO NA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO ARQUIVÍSTICA E BIBLIOGRÁFICA DA COLEÇÃO DO PROFESSOR FREDERICO EDELWEISS

O conjunto de atividades voltadas ao tratamento da informação e da documentação recebe distintas denominações nas diferentes instituições. Em bibliotecas, o conjunto de

atividades que envolvem a catalogação, a classificação e a indexação do material chama-se processamento técnico ou de tratamento da informação. Em arquivos, utilizam-se termos como inventário, arranjo, descrição e classificação. Em museus, é usado o termo documentação para o conjunto de ações que envolvem a catalogação, a classificação e os registros de pesquisa propriamente ditos sobre o objeto ou o artefato artístico (Almeida 2016).

Entretanto, existe uma relação recíproca ou mútua estabelecida entre biblioteca, arquivo e museu que advém da similitude nos processos técnicos executados nessas instituições, o que expressa uma inter-relação associada à correspondência de atributos comuns entre os objetos de informação. Desse modo, pode-se inferir que, quando dois ou mais objetos de informação estão, de alguma forma, ligados ou envolvidos, existe a reciprocidade entre as áreas de conhecimento. Para atender a esse contexto, utilizaremos o que designamos de dispositivos metodológicos para explicar a inter-relação entre a biblioteca particular, os arquivos pessoais e os artefatos museológicos do professor Frederico Edelweiss a partir dos procedimentos e métodos de organização e representação da informação dos citados acervos.

Originária do latim, a palavra «dispositivo» (*dispositu*) significa próprio para dispor em ordem, arranjar e combinar diferentes elementos dotados de lógica própria (Michaelis 2000). No dicionário especializado de Cunha e Cavalcanti, o vocábulo está descrito como «informação extraída de um objeto e utilizado [para complementar o significado] durante o processamento dialógico e pedagógico nas dimensões informativa e formativa» (Cunha, Cavalcanti 2008, pp. 129-130). A equivalência entre esses elementos viabiliza o processo para cumprir uma finalidade ou obter o efeito desejado (Agamben 2005).

O dispositivo metodológico aqui, portanto, é pensado e utilizado como um constructo de domínio instrumental, cuja finalidade foi refletir sobre a organização e representação da informação na biblioteca, no arquivo e no museu, levando-se em consideração a questão da «materialidade». Nesse propósito, o dispositivo metodológico são decisões (ditas e não ditas) que definem o quê, para quê e como executar o tratamento da documentação para a organização e representação da informação dos acervos do professor Frederico Edelweiss. Para tanto, foi fundamental definir os caminhos e os critérios, nos quais a «materialidade» é um dos conceitos essenciais para a compreensão da proposta de dispositivo metodológico neste estudo.

Em vista disso, na mesma linha de raciocínio, «estudar a documentação é estudar as consequências e os efeitos da materialidade da informação» (Frohmann 2006, p. 22), podendo assim conciliar o conceito de informação com estudos das práticas públicas e sociais de seus produtores, quer sejam institucionais, quer sejam pessoais. A materialização da informação, então, revela-se pelos rastros da trajetória dos documentos, de tal forma que estes só terão sentido de existir se estiverem relacionados ao meio que os produziu.

O dispositivo metodológico também autoriza construir e/ou reconstruir os percursos do tratamento da informação em termos técnicos, éticos, estéticos e políticos sem anular outras ou diversas formas de representar a produção do conhecimento e a documentação. Esse entendimento induz a uma abordagem metodológica que comporta uma leitura da documentação (livros, arquivos e artefatos museológicos) a partir de diferentes pontos de vista em função de referenciais distintos e heterogêneos, o que implica visões específicas e linguagens apropriadas às descrições exigidas.

Tais considerações encontram convergências na afirmação de que «a documentação tem um poder constitutivo bem diferente de sua função comunicativa» (Frohmann 2006, p. 25). Portanto, o significado e a finalidade da documentação não são meramente comunicar a informação, mas também garantir a sua materialidade e, pela investigação da sua funcionalidade, poder esboçar a ideação de tipos ou de categorias que dará contorno ao esquema do processo de organização e representação da informação, seja ela arquivística, bibliográfica e/ou museológica.

O contexto de formação de uma coleção de biblioteca particular, a acumulação de documentos de arquivos privados pessoais e o colecionismo de artefatos museológico possibilitam evidenciar a identidade cultural e social do sujeito, cujas características atribuídas por outros indivíduos e/ou capturadas nos documentos de sua propriedade servem como itens de categorização para identificar «quem é», «o que fez» e «como fez» essa pessoa em particular. Esses acervos também podem representar o testemunho da trajetória de vida, como um conjunto de fatos que fundamentam a história de uma pessoa. Por conseguinte, permitem resgatar a história e preservar a memória do produtor ou colecionador, a partir das tipologias documentais do arquivo, das obras bibliográficas e dos objetos tridimensionais reunidos em seu acervo.

Tendo como campo empírico o espaço universitário Lugares de Memória, do Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI-UFBA), este estudo parte da investigação qualitativa e análise descritiva do acervo bibliográfico, arquivístico e museológico da Coleção do Professor Frederico Edelweiss, fundamentado em argumentos teóricos de pesquisa bibliográfica, uma vez que esta comporta uma concepção ampliada de conhecimento.

Reconhece-se que a pesquisa qualitativa, como processo de informação e conhecimento, não se restringe a descrever ou a classificar os contornos formais dos objetos do mundo, mas busca esboçar os movimentos próprios que os constituem e os impulsionam no seu processo de produção. Para Ferigato e Carvalho «a investigação qualitativa é, portanto, uma atividade que se afirma a partir do contexto situacional, da localização e da implicação do observador em relação ao objeto e seu entorno» (Ferigato e Carvalho 2011, p. 665), o que facilita tornar o mundo visível, traçar seu processo constante de produção de informação e transformá-lo a partir do ato de pesquisar. Com essa compreensão, a pesquisa é entendida e praticada como coleta e análise de dados, que, associada à experimen-

tação cartográfica, «consiste no acompanhamento de processos e não na representação de objetos», cuja noção caracteriza a teoria da informação, que é traçar a constante produção de conhecimento (Barros e Kastrup 2009, p. 53).

Para essa meta, a utilização das fontes de informações como catálogos bibliográficos, catálogos de livreiros, inventários, termos de doação, escrituras, fotografias, notas fiscais, correspondências, entre outros registros, nos permitiram cartografar a formação dos acervos do professor Edelweiss. Esses dispositivos informacionais foram essenciais para captar as modalidades de aquisições dos livros, compreender a dinâmica de acumulação dos documentos de arquivo e perceber os critérios de colecionismo dos artefatos museológicos da Coleção do Professor Frederico Edelweiss, comprovando por meio da documentação a interlocução das áreas, objeto de nossa pesquisa.

A partir desse quadro teórico e utilizando-se de intervenções técnicas nos acervos bibliográfico, arquivístico e museológico de Frederico Edelweiss, foi facultado conceber alguns pressupostos de inter-relação entre bibliotecas particulares e arquivos pessoais, cujas marcas de circulação, posse, procedência; informações de origem, temática, objetivo; e identidade de provedor, de colecionador ou de bibliófilo permitiram capturar as características intrínsecas e extrínsecas que dão base para compreender a formação dos acervos como eles estão interligados na organização e na representação da informação.

3. O ACERVO DO ILUSTRE TUPINÓLOGO E BIBLIÓFILO FREDERICO EDELWEISS

Desvelar quem foi o professor Frederico Grandchamp Edelweiss e tudo o que vivenciou em sua longa existência apresenta-se como um desafio. Isto posto, o nosso intuito não é realizar um estudo biográfico, mas abrir trilhas para que, de forma sucinta, possamos mostrar o universo desse personagem.

Nascido na cidade de Santo Ângelo, Rio Grande do Sul, em 19 de maio de 1892, o professor Edelweiss foi linguista, historiador e etnólogo. Amante da cultura indígena, este tupinólogo foi o primeiro professor de língua tupi na antiga Universidade da Bahia (1946-1950). Em sua carreira intelectual, escreveu e publicou diversos ensaios, artigos e livros sobre variadas temáticas relacionadas às ciências humanas.

Na juventude, estudou na Europa, retornando ao Brasil após a morte de seu pai, em 1911, para assumir a propriedade agrícola da família, abdicando de cursar Letras, uma de suas grandes paixões. Com a falência da propriedade, o poliglota gaúcho foi requisitado para trabalhar na firma de exportação Tude, Irmão & Cia., vindo a transferir-se para a Bahia em 1919. Em 1930, Edelweiss assumiu a direção do Instituto de Cacau da Bahia (ICB), cargo que ocupou até os idos de 1943, quando foi convidado a ser professor, sendo um dos membros fundadores da Faculdade de Filosofia, fundada em 1942. Na referida

faculdade, ensinou as disciplinas Língua Tupi, Etnologia Geral, Etnologia do Brasil e Cultura Baiana, sendo aposentado compulsoriamente em 1963 (Sena 1977).

Durante a sua trajetória, o tupinólogo sempre demonstrou o amor que devotava aos estudos e à pesquisa, datando da década de 1920 os seus primeiros trabalhos publicados relacionados às temáticas indígena, arqueológica, bibliófila e histórica. Entre as principais obras publicadas por Edelweiss, podemos destacar: *Tupis e guaranis – estudos de etnolinguística e linguística* (1947); *O caráter da segunda conjugação tupi* (1958); e *Estudos tupis e tupi-guaranis* (1969). Publicou artigos e ensaios em revistas e periódicos da área das ciências humanas, como, por exemplo: *A suposta invariabilidade dos gentílicos* (1948); *O príncipe de Joinville no Brasil* (1951); *As primeiras Igrejas, as Casas dos Jesuítas, o Muro e as Portas Setentrionais da Cidade de Tomé de Souza* (1958); *A visita de Maximiliano da Áustria à Bahia* (1961); *A serpentina e a cadeirinha de arruar (achegas históricas)* (1968); *Achegas cronológicas para a história do farol no Forte de Santo Antônio da Barra* (1969); *Nossa Senhora da Conceição da Praia, a primeira igreja da Cidade do Salvador* (1969); *O padre Serafim Leite e a língua tupi* (1970); *O quarto centenário da morte de Nóbrega* (1970); *A antroponímia patriótica da Independência* (1981); etc.

Em 23 de junho de 1965, foi admitido como membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), assim como desempenhou atividades administrativas no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGH), ocupando a presidência entre 1.º de janeiro de 1974 a 15 de outubro de 1976.

O bibliófilo Frederico Edelweiss não media esforços para encontrar obras raras que tratassem de suas temáticas favoritas, o que lhe permitiu ser respeitado nos meios acadêmicos e intelectuais tanto no Brasil quanto no exterior. Durante anos, o renomado pesquisador adquiriu obras em diversos idiomas, montando uma biblioteca particular que conhecia de memória. Após anos de dedicação à universidade e antes de falecer, em 15 de outubro de 1976, o professor Frederico expressou o desejo de que a UFBA assumisse a custódia de sua inestimável biblioteca particular, além do arquivo pessoal e outros objetos museológicos (Ribeiro e Correia 2020).

Naturalmente, em razão do valor cultural da coleção, diversas instituições nacionais e estrangeiras ficaram interessadas em obter tão rica biblioteca de obras raras e especiais. Contudo, com o empenho de professores e graças aos esforços do então reitor, professor Lafayette Pondé, e do ministro da Educação, Jarbas Passarinho, a importante coleção manteve-se na UFBA e, hoje, atende a estudantes, professores e pesquisadores tanto brasileiros quanto de outros países que pesquisam sobre a história e a cultura do Brasil e da Bahia.

3.1. A biblioteca privada de Frederico Edelweiss

A Biblioteca Professor Frederico Edelweiss, recebida em 1974, é composta de 24 876 obras das várias áreas das ciências humanas e inúmeras gramáticas e dicionários, nas diversas línguas nativas do continente americano, que ajudam a contar a história dos nossos antepassados e a preservar as suas culturas.

Mesmo sendo um autodidata, o professor se interessava por áreas que iam muito além das línguas indígenas e, como bibliófilo, sua coleção espelha a sua trajetória como professor, pesquisador, e como amante dos livros (Ribeiro e Correia 2020, p. 89).

Constitui, igualmente, parte do seu acervo uma riquíssima coleção de periódicos (990 títulos) nacionais e internacionais publicados entre os séculos XVIII e XX, muitos dos quais não se encontram *online*. Além disso, há folhetos, mapas e inúmeros catálogos bibliográficos e de livreiros que estão incluídos no acervo como indicativos da seleção e modo de aquisição, o que propicia subsídios para a compreensão de quais critérios nortearam esse bibliófilo na formação de sua biblioteca particular.

A variada quantidade de catálogos de livreiros com as referências e descrição das obras, valor e localização de livrarias, antiquários e sebos, principalmente na Europa e em outros continentes, eram os alvos preferidos do genial pesquisador. Vale, portanto, citar que Edelweiss, utilizando-se desse formato de identificação, adquiriu várias brasileiras dos séculos XVI ao XVIII, além de «incunábulo» da Imprensa Régia (1808) e da Tipografia Silva Serva (1811), valiosa coleção de impressos que reproduz um vasto conhecimento da Terra Brasilis e da cultura brasileira nesses séculos.

3.2. A coleção museológica de professor Frederico Edelweiss: objetos de informação

Objetos museológicos nos levam a muitos lugares no passado e despertam nossa imaginação sobre as pessoas que os projetaram, construíram ou colecionaram. Os artefatos não contam suas histórias sozinhos: para cada peça, é necessário investigar, saber sua procedência e assim obter as respostas que os identificam como objetos «de» ou «com» informação. A coleção museológica de Frederico Edelweiss perpassa por temas de interesse desse colecionador, sendo composta de objetos que representam a cultura indígena e a baiana. Os itens dessa coleção foram confeccionados a partir de materiais diferentes, com ampla variedade de propriedade orgânica (ossos, dentes, couros, madeira) e inorgânica (metais, rochas, vidro, cerâmica etc.).

Além desses artefatos, Lugares de Memória da UFBA custodia o espólio museológico de Edelweiss, composto de quadros e esculturas, assim como o mobiliário da biblioteca composto de escrivaninha, cadeira, máquina de datilografia, armários-estantes etc.

Esses objetos culturais nos falam. Nesse ambiente vê-se o mundo privado do Edelweiss do passado com um olhar do presente, repaginado e transformado em informação histórica para que se possam entender e organizar as experiências que nesse ambiente se desenvolveram e, assim, esboçar uma história cultural e social do bibliófilo. Para tanto, é preciso um olhar atento para a representatividade da memória e do valor que cada objeto, para homenagear, carrega. Dialogar com eles, transformar os objetos cotidianos em objetos testemunhas possibilita ressignificar a vivência de um personagem histórico.

3.3. A tessitura da vida de Frederico Edelweiss: composição do arquivo pessoal

Schellenberg (2006), personagem reconhecido como pioneiro nas ideias sobre avaliação de arquivos, cujo contributo foi significativo no desenvolvimento da política, das regras arquivísticas, dos métodos de avaliação e do arranjo nos arquivos, argumentou que os registros — que chamamos de documento, ou seja, informação registrada em um suporte material — têm o valor primário (1.^a idade, corrente) para seus criadores como evidência de atividades humanas. No parâmetro das três idades, os documentos considerados como tendo valor probatório (2.^a idade, intermediário) são necessários por questão financeira ou legal. No valor informativo e histórico (3.^a idade, permanente), os arquivos nessa fase ganham identidade, pois é o momento em que os documentos se constituem em itens para as pesquisas de caráter retrospectivo, com aspectos significativos para futuros investigadores. Vale reportar que, para Schellenberg (2006), foi básico defender a distinção entre registros e arquivos. No referente ao arquivo pessoal, este decorre, naturalmente, como reflexo concreto da existência das atividades profissionais e sociais, da comprovação de obrigações e direitos do indivíduo produtor. Diante de sua proveniência, a formação de um arquivo pessoal tem como característica fundamental a organicidade, cuja indissociabilidade é derivada da existência e das funções da pessoa que o acumulou.

Durante os longos anos de funcionamento do Centro de Estudos Baianos (CEB), de 1941 a 2009, o professor Edelweiss desempenhou um papel fundamental na sua gestão, fornecendo, inclusive, um farto e valioso acervo bibliográfico, arquivístico e museológico. No contexto dessa pesquisa, o arquivo (ficha técnica) de Edelweiss foi doado por familiares em 1979 ao antigo CEB, e coube a essa instituição, da qual o professor foi um dos fundadores, a responsabilidade da organização, conservação, preservação e acesso à documentação.

Tabela 1. Ficha técnica do arquivo

FUNDO: Frederico Grandchamp Edelweiss	CÓDIGO: FE
PERÍODO DA DOCUMENTAÇÃO: 1920-1976	VOLUME: 4,00m3
DOADOR: Familiares	ABERTURA AO PESQUISADOR: Total a partir de 2046

CONTEÚDO: correspondências ativas e passivas de FE a amigos, profissionais, empresas e instituições de sua ligação, as quais retratam questões de caráter social, econômico, político, cultural, financeiro do país, fornecendo-nos valiosos subsídios visando uma melhor compreensão de variados fatos ocorridos no período supramencionado. Documentos de caráter pessoal, tais como biografias currículos recibos de pagamento, diplomas, procurações, extratos de movimentação financeira, apólice de seguro, declaração de rendimentos, comprovantes de taxas e tributos municipal, estadual e federal, receituários, portarias, requerimentos, relatórios referentes à comercialização de produtos agrícolas, folhas de pagamentos de funcionários, críticas literária, conferências, discursos, pareceres, publicações e trabalhos relacionados com temas concernentes à sua área de atuação, cadernos blocos folhas e fichas de pesquisa históricas e bibliográficas, recortes de jornais contendo matéria acerca de sua pessoa, obra ou assuntos referentes a tema objeto da sua área de estudo, fotografias reproduzidas de aspectos da sua vida particular e profissional, produção intelectual de outros autores a exemplo de teses, documentos que FE acumulou para efeito de pesquisas, reproduzidos por meios eletrônicos ou mecânicos, documentos produzidos pela imprensa, amigos e instituições após o falecimento de FE, visando prestar-lhes homenagem, documentos especiais como medalhas e placas oferecidas a FE com o objetivo de homenageá-lo.

GÊNEROS DOCUMENTAIS: textuais, impressos e visuais.

Fonte: Ribeiro (2002)

Sobre o fundo arquivístico, cabe explicitar que o professor Frederico Edelweiss, um dos maiores especialistas da língua tupi, dedicou-se com especial entusiasmo e raro fascínio ao estudo da cultura dos povos nativos do continente americano, legando farto material sobre a língua, os usos e os costumes de nações indígenas. Isso explica o expressivo volume de interessantes trocas de correspondência mantidas com os seus contemporâneos especialistas no assunto, entre os quais citaremos Curt Nimuendajú, padre Antônio Lemos Barbosa, Antônio Guasch, padre Franz Mueller, entre outros.

As atividades acadêmicas e pesquisas resultaram em uma produção intelectual manuscrita e datilográfica constituída de conferências, discursos, pareceres, publicações e textos nos quais são tratados os assuntos pertinentes à história da Bahia e do Brasil, etnologia, linguística indígena, civilização americana, etnografia e folclore. Além disso, encontram-se no acervo arquivístico, a merecer um tratamento especial, os rascunhos e as anotações sobre temáticas indígenas e assuntos correlatos da sua especialidade, por constituírem valiosa fonte primária e original de estudo e pesquisa. Na função de diretor do Instituto de Cacau da Bahia (ICBA), no período de 1931 a 1944, seus arquivos compostos por projetos, relatórios, estatísticas, correspondências, estatutos etc. fornecem importantes subsídios para o estudo da trajetória inicial desse órgão, assim como sua participação na implantação e na gestão da instituição. Também se registra a existência de documentos

referentes à inserção da cultura de cacau na Bahia, bem como a importância nutricional e econômica do cacau e dos seus derivados.

Quanto às reflexões da interlocução entre biblioteca, arquivo e museu, nesta seção os arquivos retratam a aquisição das obras bibliográficas da biblioteca particular do professor Frederico Edelweiss. Nela também pode ser visualizada a formação do acervo a partir de uma série substancial de correspondências passivas e ativas do bibliófilo, iniciadas na década de 1920, com livrarias, antiquários e sebos nacionais e internacionais.

Além disso, tem-se como dispositivo informacional e fonte de pesquisa o inventário do arquivo de Edelweiss, elaborado pelo bibliotecário e especialista em Arquivologia e ex-funcionário do CEB o sr. Antônio Bomfim Ribeiro. O quadro de arranjo dos documentos por ele planejado estabelece um esquema com funções, atividades, tipologias documentais etc. do provedor da documentação. Na condição de responsável pela organização do acervo, o bibliotecário informa que descreve de forma sumária o fundo arquivístico do professor Frederico e que

Prévios estudos bibliográficos e nos próprios documentos foram realizados com a finalidade de se obter elementos para a efetiva organização do Fundo. Todavia diante de uma crescente modernização e aperfeiçoamento das técnicas arquivísticas leva-nos crer que a descrição dos materiais certamente sofrerá algumas modificações, objetivando dessa forma uma melhor adequação dos documentos (Ribeiro 2002, p. 3).

Composto de aproximadamente 43 caixas, os arquivos do professor Frederico Edelweiss estão organizados segundo um quadro de arranjo com séries temáticas e por espécie, variando de acordo com as características dos documentos. São ordenados cronologicamente dentro das séries na medida em que tal procedimento se configura como seguro para a efetiva recuperação do documento, como mostra o exemplo.

Correspondências — compreendem as correspondências ativas e passivas do professor Edelweiss a amigos profissionais, empresas e instituições de sua ligação. Correspondência com livreiros nacionais e estrangeiros. Correspondências dos seus familiares e de terceiros.

Arranjo: alfabético/cronológico

Datas-limite: 29 ago. 1929 a 30 nov. 1976

A organização dos arquivos foi planejada em séries, com os mesmos tipos de documentos e as mesmas funções, e o modelo de inventário está representado no exemplo de «Comunicação», abaixo. A descrição sucinta indica a espécie documental, a quantidade de documentos, o idioma, os autores, os destinatários e remetentes, a data, o local e o assunto através de um breve resumo.

Tabela 2. Inventário Arquivo Frederico Edelweiss

CENTRO DE ESTUDOS BAIANOS DA UFBA
 FUNDO FREDERICO EDELWEISS (FE)
 SÉRIE: COMUNICAÇÃO ATIVA (CA) PARTICULAR- LIVRARIAS ESTRANGEIRAS (LE)
 PERÍODO: 1925-1975 – PASTA 12 /CAIXA 08

Código	Resumo	N.º de folhas
FE ca LE	MAGGS BROSS Cartas (27) do Sr. Frederico Edelweiss à Maggs Bross concernentes a solicitações e/ou informações de publicações. Local: Bahia / Período: 31 Mar. 1930-21 Mar. 1947- Docs.: 1066-1091 / Idioma: inglês/ Pasta P12	27 datilog.
FE ca LE	FRANCIS EDWARDS LTD. Cartas (09) do Sr. Frederico Edelweiss à Francis Edwards Ltd. referentes a solicitações e/ou informações a respeito de publicações bem como pagamentos das mesmas. Local: Bahia / Período: 10 Jan. 1973-20 Out. 1974. Docs.: 1092-1099, 1356 / Idioma: inglês Em anexo (docs. 6149, 6276) Fatura e comprovante de entrega. Pasta P12	09 datilog.

Fonte: Ribeiro (2002)

Conclui-se que a variedade de documentos resultantes de atividade literária, administrativa, política, científica e cultural nos arquivos pessoais expressa modos de viver, pensar e existir de um cidadão, e devido ao seu valor histórico tais documentos são conservados e preservados em definitivo. Por conseguinte, esse tipo de documentação tem sido fonte essencial muito utilizada na pesquisa social e historiográfica para subsidiar a escrita sobre a vida do produtor dos documentos arquivísticos em contextos de memórias e testemunhos de resgate contra o esquecimento (Ribeiro e Cruz 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A CI tem apresentado interesse em valorizar as múltiplas referencialidades no processo de organização e representação da informação e do conhecimento para todas as áreas. Nesse sentido, essa ciência não se restringe à descrição ou à classificação dos contornos formais dos objetos do mundo, e sim se propõe a analisar seu próprio movimento, a traçar seu processo de produção e o que o constitui.

Ao cartografar o processo de formação da coleção da biblioteca particular, da acumulação do arquivo pessoal e de colecionismo de artefatos do professor Frederico Edelweiss, utilizando-se de catálogos de livreiros ou de editoras, correspondências, notas fiscais, notas promissórias etc. como dispositivos informacionais, demonstrou-se a interligação dos acervos (arquivo, biblioteca e museu), assim como se evidenciou a perspectiva da interlocução das áreas da CI nas práticas de processo técnico representado pelos inventários e registros dos acervos. Da mesma forma, confirmou-se que as práticas docu-

mentárias materializam a informação por meio da documentação e que se revela quando é rastreada a «vida» institucional dos documentos.

Pode-se afirmar que, como resultado desta pesquisa, foi percebida a importância da interlocução entre as três áreas para os profissionais que lidam nos espaços de «lugares de memórias». E essa percepção foi alcançada pela análise da materialização da informação na variada tipologia documental. Por meio da interligação entre as correspondências e notas fiscais da documentação arquivística, dos catálogos de livreiros do acervo bibliográfico e dos objetos museológicos, foi possível identificar a procedência e a formação dos acervos, compreender a formação científica e cultural do pesquisador e descobrir o interesse do bibliófilo pelas obras raras e valiosas que compõem sua coleção.

Portanto, saber lidar com esses procedimentos metodológicos dá controle, segurança e qualidade técnica no processo de organização e representação da informação em acervos de memória, sejam eles pessoais ou institucionais. Por conseguinte, destacam-se as relações de similaridade entre as atividades profissionais, o compartilhamento de terminologias, de conceitos e de competências comuns entre eles, demonstrando a relevância de se promover a interação entre bibliotecários, arquivistas e museólogos para ampliar resultados e benefícios em comum. Por fim, sugere-se que outros estudos com a mesma representação possam ser realizados, cujos acervos retratem pela práxis a interligação da documentação e a interlocução das áreas de conhecimento da CI.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G., 2005. O que é um dispositivo? *Revista Outra Travessia* [Em linha]. 5, 9-16 [consult. 2022-08-12]. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/12576>.
- ALMEIDA, M. C. B. de, 2016. Bibliotecas, arquivos e museus: convergências. *Revista Conhecimento em Ação* [Em linha]. 1(1), 162-185 [consult. 2022-02-18]. Disponível em: <https://doi.org/10.47681/rca.v1i1.2737>.
- ARAÚJO, C. A. A., 2014. *Arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação: o diálogo possível*. Brasília [DF]: Briquet de Lemos; São Paulo: ABRAINFO.
- ARAÚJO, C. A. A., 2011. Ciência da Informação, Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia: relações teóricas e institucionais. *Encontros Bibli* [Em linha]. 16(31), 110-130 [consult. 2022-02-18]. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2011v16n31p110>.
- BARROS, L. P. de, e V. KASTRUP, 2009. Cartografar é acompanhar processos. Pista 3. Em: E. PASSOS, V. KASTRUP, e L. da ESCÓSSIA, coords. *Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, pp. 52-75.
- BELLOTTO, H. L., 2006. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- BELLOTTO, H. L., 2002. *Arquivística: objeto, princípios e rumos*. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo.
- BRIET, S., 2016. *O que é a documentação?* Brasília [DF]: Briquet de Lemos.

- BUCKLAND, M. K., 1997. O que é um documento? *Journal of the American Society of Information Science* [Em linha]. **48(9)**, 804-809 [consult. 2022-07-12]. Disponível em: <http://www.interscience.wiley.com/>.
- CAMARGO, A. M. de A., 2010. Arquivos de museus. Em: *Anais do Seminário Internacional Arquivos de Museus e Pesquisa*. São Paulo: MAC/USP, 1, pp. 22-27.
- CUNHA, M. B. da, e C. R. de O. CAVALCANTI, 2008. *Dicionário de biblioteconomia e arquivologia*. Brasília [DF]: Briquet de Lemos.
- DENZIN, N. K., e Y. S. LINCOLN, 2006. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Armed.
- FERIGATO, S. H., e S. R. CARVALHO, 2011. Pesquisa qualitativa, cartografia e saúde: conexões. *Interface - Comunic., Saúde, Educ.* [Em linha]. **15(38)**, 663-675 [consult. 2022-09-12]. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/tMW3kFMws7q4zN4Pm5G4nDn/?format=pdf&lang=pt>.
- FROHMANN, B., 2006. O caráter social, material e público da informação. Em: M. S. L. FUJITA, R. M. MARTELETO, e M. L. G. de LARA, eds. *A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, pp. 17-34.
- MARQUES, I. da C., 2010. *O museu como sistema de informação* [Em linha]. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto [consult. 2022-09-20]. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/55282#:~:text=https%3A/hdl.handle.net/10216/55282>.
- MICHAELIS, 2000. *Michaelis 2000: moderno dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Reader's Digest; São Paulo: Melhoramentos.
- NORA, P., 1993. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo* [Em linha]. (10), 7-28 [consult. 2022-10-12]. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>.
- PAES, M. L., 2006. *Arquivo: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- RIBEIRO, A. B., 2002. *Inventário do Fundo de Frederico Edelweiss*. Salvador: Centro de Estudos Baianos. Texto datilografado.
- RIBEIRO, M. A. S., e T. S. CORREIA, 2020. Lugares de Memória da UFBA: espaço de cultura, história e pesquisa acadêmica. Em: A. D. LOSE, et al., coords. *Pesquisando Acervos*. 1. Salvador: Memória e Arte, pp. 83-102.
- RIBEIRO, M. A. S., e J. O. CRUZ, 2021. Memórias e testemunhos documentais no contexto das coleções especiais e arquivos do Lugares de Memória da UFBA. Em: L. M. B. B. TOUTAIN, coord. *A Ciência da Informação em movimento: memória, esquecimento e preservação digital*. Salvador: Edufba, pp. 209-232.
- SCHELLENBERG, T. R., 2006. *Arquivos modernos: princípios e técnicas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.
- SENA, C. P., 1977. Frederico Edelweiss. *Revista Ciência e Cultura*. **29(4)**, 1-9. Separata.

